

A REFORMA DO MERCADO PÚBLICO: PRÁTICAS E MITOS DE FUNDAÇÃO DA CIDADE

Ana Luiza Carvalho da **Rocha**¹



*Tela: Pintura a óleo
Auto: Angelo Guido*

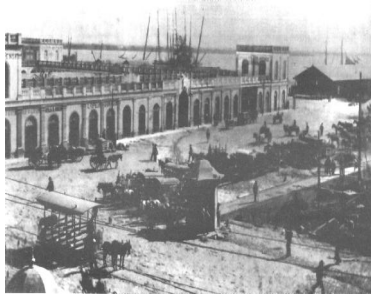
Brasil, Arapongas, 1938, um antropólogo francês em visita ao Brasil e não se contendo diante do dinamismo das imagens do tempo que presidia o nascimento da cidade nos Trópicos, afirma que ali habitava um povo cujo trajeto da barbárie à decadência jamais havia conhecido a força da civilização.

Sem dimensão temporal, as grandes cidades industriais da América tropical dos anos 30 descortinavam-se aos olhos desse antropólogo como uma paisagem triste e devastada. À mercê dos mitos da ruína e do fracasso e sob a



pressão de fábulas progressistas, as cidades nos Trópicos alimentariam-se vorazmente do novo, sem nenhum compromisso com o seu passado histórico.

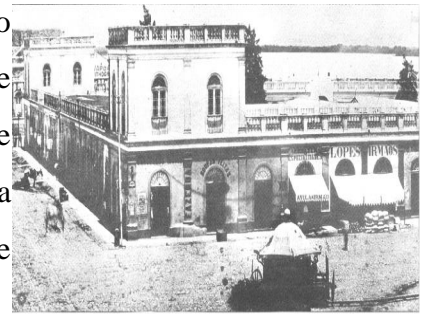
¹ Artigo publicado no Jornal Zero Hora, 1998.



Porto Alegre, antigo Largo do Mercado, 1997, sofrendo dos sintomas do “mal crônico” da busca da eterna juventude, como outras tantas nascidas sob os Tristes Trópicos, re-inaugura o seu Mercado Público recém-reformado, celebrando o triunfo sublime do espírito humano sobre a natureza do tempo.

Fonte: Acervo BIEV

Nas trilhas de um tempo curto, e seguindo-se o ritmo da história unilateral e triunfante da modernidade, muito se tem afirmado acerca do aspecto indigente, mutante e mutável dos conjuntos urbanos das cidades tropicais e da imagem da destruição que aí encerra o processo de instalação da civilização urbana.



Fonte: Acervo BIEV

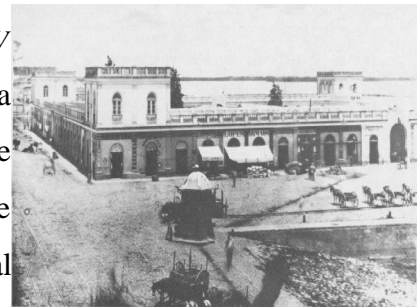
Fonte: Acervo BIEV



A meio caminho entre o natural e o artifício, a reforma pela qual passou recentemente o Mercado Público de Porto Alegre revela quão contemporânea ainda é a afirmação daquele viajante estrangeiro sobre o caráter espaço-temporal das cidades tropicais. Edifício construído a partir da matéria bruta informe, cuja obra humana misturou às pedras e aos tijolos o cimento dos sonhos dos primeiros habitantes urbanos, o atual Mercado nos convida a pensar a figura do tempo que ele encerra.

Fonte: Acervo BIEV

As lembranças das antigas imagens do Mercado, da paisagem urbana que circundava seu território, do folclore popular acerca do lugar e da solidez material que restou de sua antiga fachada contrastam com intervenção radical



promovida em suas ambiências internas e no território do antigo Largo, interrogando aquele que por ali passa sobre a forma complexa com que a Civilização insiste em se impor sob os Trópicos.

A figura arquitetônica do Mercado Público renasce hoje no imaginário urbano concentrando novas utopias sobre a cidade moderna e suas mutações tecnológicas.



Fonte: Acervo BIEV

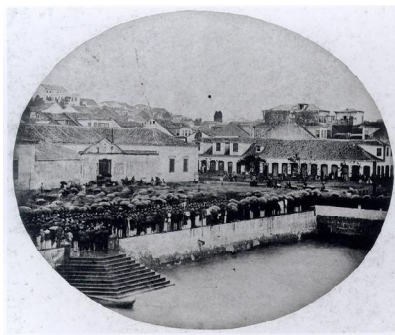
Alegoria dos dramas do tempo, enquanto a fachada preservada alude ao antigo passado do Largo do Mercado e da velha cidade, no interior de seus muros e portões ocorre o ato de destruição como fórmula acabada capaz de absorver o impacto dos acidentes que impõem o rejuvenescimento de um grande centro urbano.

Assim é que, para manter-se perenemente jovem, a cidade de Porto Alegre deve alimentar-se da substância perecível do tempo, aderindo a atos de destruição como forma de rejuvenescer. Herdeira de uma sociedade nômade e pastoril, Porto Alegre abraçou a civilização urbana a partir do ritmo agitado de queimas, destruições, perseguições,



Fonte: Acervo BIEV

demolições e devastações de guerras e lutas no sul do Brasil, contrastando com o ritmo mais lento da acumulação de bens, de coisas, de riquezas e de homens, que caracterizou a civilização do açúcar no nordeste do Brasil. Cidade-pouso, Cidade-fortificada, Cidade-porto, Cidade-mercado, Porto Alegre refunda eternamente cidades, seguindo ainda hoje os atos de destruição que orientaram a ocupação territorial nos Trópicos.



Fonte: Acervo BIEV

Fonte: Acervo BIEV



'As transformações no espaço interno do Mercado, a realocação e remodelação das bancas, a higienização do espaço, a inclusão aí de novas e modernas tecnologias construtivas falam-nos, portanto, menos da revalorização do passado do Mercado Público no tempo presente do que de antigas práticas de re-fundação da vida coletiva nos Trópicos, retraçadas num estilo de arquitetura de *shoppings centers* que avança como

uma nova forma de sociabilidade nas grandes metrópoles.



Logo, não é por acaso que a abertura da civilização urbana às agitações do tempo fez da cidade tropical um objeto privilegiado para os urbanistas, sociólogos, antropólogos e historiadores pensarem a originalidade da estética da desordem e a lógica da destruição como princípios que regem as relações entre o homem e o meio geográfico no Brasil.

Fonte: Acervo BIEV

Entretanto, há que se confrontar essa lógica da destruição-reconstrução da Cidade com esforço dispendido por seus habitantes para acomodar, de forma duradoura, as velhas lembranças e recordações de seus antigos espaços afetivos no interior de tais transformações.



Fonte: Acervo BIEV

Fonte: Acervo BIEV



Certamente, nas pegadas do tempo longo que configura as estreitas relações entre o homem e o seu meio cósmico-social, o equilíbrio instável que desenha as formas das cidades brasileiras (hoje em pauta pela via da violência, marginalidade e criminalidade) desafia nossas grandes construções racionalistas.

Contemplar, na reforma do Mercado Público, a força subversiva da barbárie que preside o nascimento e a morte da Cidade nos Trópicos faz com que pensemos que entre nós as cidades sofrem do ‘mal crônico’ de serem perpetuamente jovens, enquanto em outros países do mundo elas “dormem docemente o sono da morte”.



Parte integrante do dispositivo simbólico humano, como a linguagem e a técnica, a Cidade apresenta variações em torno de um mesmo motivo: a domesticação do tempo e do espaço pelo através de símbolos.

Fonte: site: pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Alegre

Assim, se em certos centros urbanos o ato de restaurar e conservar edificações são formas encontradas por seus habitantes para domesticar a passagem do tempo, fazendo da cidade um “cemitério de civilizações”, em outros, a adesão ao ritmo de inovações e modernizações impõe a destruição de antigos casarios, velhos bairros e paisagens de arrabaldes, na busca de recriar o caos primordial onde se celebra, com vigor, o renascimento de um novo corpo coletivo.



Fonte: site: pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Alegre

Na dialética temporal de vida, morte e renascimento da comunidade local, portanto, a reforma do Mercado Público pode ser vista como uma caixa de ressonância onde ecoam não apenas as lembranças e reminiscências da vida urbana da antiga Porto Alegre mas,

principalmente, a capacidade regeneradora de um corpo coletivo na luta para vencer a matéria perecível do tempo.



Fonte :[site: pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Alegre](http://site.pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Alegre)



Logo, a inscrição do atual Mercado Público na memória coletiva de Porto Alegre depende, assim, menos da reforma de suas instalações do que da força poética que encerra este lugar no imaginário urbano local capaz de refundar a vida coletiva no interior de seus muros e para além de seus portões.